Travestis, envelhecimento e velhice

Do transgender people get old?

Pedro Paulo Sammarco Antunes
Elisabeth Frohlich Mercadante

RESUMO: O presente artigo objetiva avaliar o processo de envelhecimento e da velhice daquelas pessoas designadas como travestis. As ciências biomédicas jogam um papel importante na categorização dessas pessoas. A intenção é compreender o impacto que tais diagnósticos têm sobre aqueles que são reconhecidos como anormais. Foram realizadas três entrevistas abertas com foco nas histórias de vida dessas pessoas. Por serem consideradas patológicas e desviantes socialmente, atravessam a vida como pessoas invisíveis e quando vistas são avaliadas preconceituosamente. Isso as levou a improvisarem suas existências em todos os seus aspectos e, em geral, a partir de contextos violentos. Suas expectativas de vida são baixas. As que vivem até a velhice, podem ser consideradas verdadeiras sobreviventes. A pesquisa resultou no levantamento de demandas e necessidades em relação às travestis. Verificou-se que precisam urgentemente de políticas públicas que as reconheçam desde sempre.
Palavras-chaves: Velhice; Gênero; Travesti.

***ABSTRACT**: This study is aimed to understand transgender aging context in Brazil. Normal and abnormal were especially created by biological sciences. For being considered deviants, transgender people are not seen as human beings. They end up living in violent environments. Their life expectancy is low. Many of them do not believe to reach old age. They face a lot of prejudice and death threat. Those who get to what we call old age are considered survivals. This investigation was able to show*

satisfactorily their demands and needs. To be considered visible, they have to count on public policies to give them existence since their childhood. That way, we believe they will reach what we call old age with respect and dignity, already assured by the Universal Human Rights.
Keywords: *Old Age; Gender; Transgender.*

Introdução

Este artigo trata do envelhecimento de travestis. Com o aumento da população idosa em geral, as travestis que envelhecem também merecem destaque, justamente por constituírem um grupo populacional que sofre exclusão em qualquer idade. Pouco se sabe sobre esse período da vida delas, até mesmo entre os membros do próprio grupo. Como se dá o processo de envelhecimento e a velhice das travestis? No que diferem daqueles das demais pessoas?

A escassez de estudos publicados sobre o envelhecimento e a velhice de travestis - que muitas vezes nem chegam à velhice – é que nos levou a desenvolver a investigação aqui proposta.

Os movimentos de lutas pelos direitos de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transgêneros vêm conquistando espaços. É bem verdade que o preconceito em relação às travestis vem diminuindo lentamente ao longo dos anos. Cabe, porém, ressaltar que o preconceito ainda é forte e atua cotidianamente na vida das travestis. As que chegam à velhice atravessam a vida sendo alvo de ataques constantes. O preconceito advém do processo de organização social que classifica o que é considerado normal e o seu contrário, o anormal.

Nossa sociedade é construída a partir de relações sociais que se dão entre os indivíduos. O homem é ao mesmo tempo produto e produtor do social. A cultura envolve as crenças do ser humano. O processo de objetivação social se dá por intermédio dos atos que se tornam hábitos e estes, por sua vez, criam padrões que se institucionalizam, tornando-se legítimos. Criamos algo que ao mesmo tempo nos cria, a cultura e a sociedade.

Os valores – crenças, mitos - dão subsídios às instituições, prescrevendo papéis. As legitimações são justificadas nas instituições. Criada uma realidade objetiva, há mecanismos para mantê-la. Caso haja um "rebelde" que não se submeta à norma estabelecida, haverá a tentativa de aplicação terapêutica, com o objetivo de tratar para corrigir. Se não for possível corrigir, restará a prisão ou até mesmo o seu aniquilamento (Berger & Luckmann, 2006).

As travestis, por exemplo, são excluídas e via de regra aniquiladas da sociedade, por não se enquadrarem nas normas de gênero estabelecidas. Por vezes, são submetidas a tratamento para serem corrigidas. Já as travestis em processo de envelhecimento sofrem dupla estigmatização: pelo fato de estarem envelhecendo e por estarem vivendo como travestis.

Assim, pelo que foi exposto acima, o presente artigo focaliza aspectos que foram institucionalizados que são: a sexualidade, o processo de envelhecimento e a velhice, representados aqui pelo envelhecimento de travestis.

Revisão da literatura

Parece óbvio perguntar sobre as causas daquilo que é considerado anormal em qualquer campo de estudo. Apenas certa minoria de pesquisadores, porém, se pergunta sobre as causas daquilo que é considerado normal. Poucos se ocupam em saber como foi o processo de construção da "normalidade". Por que será que certos fenômenos e manifestações são considerados normais? Quais são os critérios que definem o que é "normal"? Aquilo que é considerado normal muitas vezes é hierarquizado, naturalizado e *essencializado*; é, portanto, automaticamente livre de questionamentos sobre sua constituição.

O enunciado sobre algo nem sempre reflete o mundo real, mesmo porque a realidade também é construída por meio de enunciados advindos daqueles que os emitem. A questão sempre é abordada e definida conforme a perspectiva cultural

adotada. O indivíduo considerado doente não é naturalmente dado. A doença é o resultado de um conjunto de enunciados que a definem como tal.

É interessante perceber que aquilo que é dito emite determinado efeito de "verdade" que não existe fora de determinada relação de poder. Não há discurso isento de qualquer relação de poder que o produz. Para isso é preciso compreender o regime de "verdade" da época e local em questão. Nenhuma "verdade" é, portanto, neutra, soberana e imutável (Foucault, 2008a).

O processo de urbanização ocorrido na Europa, durante a ascensão da burguesia, e a revolução industrial geraram pressão, anonimato e a criação dos chamados "desviantes" que não se adequavam às normas reguladoras do funcionamento social que se definiam nas cidades. Em geral, aquele que não fosse economicamente produtivo e biologicamente reprodutivo, era considerado "anormal" (Miskolci, 2005).

As práticas sexuais que não estivessem de acordo com a norma da procriação e de gênero foram sendo observadas, descritas e catalogadas. Com o passar do tempo, já por volta do século XIX, o tipo de atividade sexual que, antes era considerada pecaminosa e anormal, começa a ser controlada e incorporada pelas ciências biológicas, representadas principalmente pela medicina e psiquiatria. Manuais médicos foram sendo escritos contendo a forma "normal" e "anormal" de como a recém "criada" sexualidade "deveria" ser praticada. Quanto mais liberada por meio da fala, mais visível, categorizada e disciplinada (Foucault, 1993).

A antropóloga norte-americana Gayle Rubin (nascida em 1949) discute o conceito de estratificação sexual vigente em nossa sociedade ocidental. Ela propôs uma pirâmide valorativa com as seguintes categorias: no topo está a sexualidade considerada boa, normal, natural e abençoada pela religião, ou seja, heterossexual, conjugal, monogâmica, procriadora, não comercial, somente entre os dois membros do casal, relacionamento estável, de mesma geração, em local privado, sem pornografia, somente entre os dois corpos (sem nenhum objeto de fetiche envolvido no ato), pasteurizada, de mesma classe social e etnia.

Em seguida, vem a sexualidade heterossexual do não casado, para procriação, que não paga, que se dá somente entre os dois membros do casal, que pode ocorrer em

um relacionamento intergeracional, em local privado, sem pornografia, somente entre os dois corpos envolvidos, pasteurizada, de mesma classe social e etnia.

No meio da pirâmide está a sexualidade homossexual em relacionamento estável, em pecado, promíscua, não reprodutiva, por dinheiro, sozinho ou em grupo, ocasional, de mesma geração, em público, com objetos fetichistas e sadomasoquistas.

Na base da pirâmide estão os excluídos: sexualidade considerada má, anormal, patológica, não natural e condenável, ou seja, sexo homossexual solteiro, fora do casamento; promíscua, não reprodutiva, comercial, sozinho ou em grupo, ocasional ou compulsiva, entre gerações, em público, pornográfica, entre fetichistas, sadomasoquistas, transexuais e travestis (Rubin, 1999).

Para as ciências biomédicas, a travesti, por exemplo, é o resultado de um híbrido entre duas categorias psiquiátricas que surgiram: o homossexual e o hermafrodita. O primeiro foi considerado anormal, por sua prática sexual não estar de acordo com as normas de procriação de novos consumidores/produtores. Já o segundo, além de não estar de acordo com as normas de procriação, também não está de acordo com as normas de gênero. Tais normas foram convencionadas com o objetivo de atender a uma determinada modalidade adotada de organização econômica e social. Estas, por sua vez, respondem à determinada proposta de funcionamento social (Leite Junior, 2008).

A norma, neste caso, nos faz acreditar que é como se houvesse uma “essência” de gênero coerente e natural que estivesse dentro de cada um de nós. Tal coerência se dá entre aquilo que foi denominado pelas ciências biomédicas de sexo biológico, gênero identificado e orientação sexual. Logo, cabe ao sujeito apenas manifestar essa “essência” ao longo da vida. Lembrando que, de acordo com essa lógica, homens manifestam a “essência masculina” e mulheres, a “essência feminina”. Com base nessa forma de pensar, a travesti é considerada uma resistente ao estabelecido, pois manifesta a “essência” oposta em relação àquilo que deveria ser.

O gênero é uma construção cultural e não um processo natural. Contudo, há certa insistência por parte das ciências biomédicas em “essencializar” e “naturalizar” o gênero. No entanto, ele faz parte da lógica social que estabelece significado aos corpos, práticas, relações, crenças e valores. Mesmo que seja variável e diverso culturalmente,

parece fazer parte de um princípio que confere sentido à realidade que vivemos. Tanto o corpo produz o gênero, como o gênero produz o corpo em uma relação simultânea (Benedetti, 2005; Scott, 1990).

Para a filósofa norte-americana Judith Butler (nascida em 1956), o gênero não deve ser uma inscrição cultural de significado sobre um sexo pré-dado. Ele deve designar também o próprio aparato de produção no qual os sexos são estabelecidos. O sexo não está para a natureza assim como o gênero está para a cultura. O gênero é um meio discursivo cultural pelo qual uma natureza sexuada ou sexo natural é produzido e estabelecido como realidade pré-discursiva. Como se o sexo fosse anterior à cultura e atuasse sobre uma superfície politicamente neutra (Butler, citado em Benedetti, 2005).

A heterossexualidade é legitimada como sendo a única orientação sexual "correta". Ela é um conjunto de prescrições que fundamentam processos sociais de regulamentação e controle. O objetivo é formar todos para serem heterossexuais e organizarem suas vidas a partir de um modelo que parece ser absolutamente "coerente", "superior", "lógico" e "natural". E assim sendo, a heterossexualidade é institucionalizada, obrigatória e compulsória (Rich, citado em Bento, 2006; Wittig, citado em Bento, 2006).

Nessa perspectiva, surgem os estudos denominados *Queer* que se propõem a compreender as práticas sociais que organizam toda a sociedade através da "sexualização," "heterossexualização", "homossexualização" de corpos, desejos, atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais. São interrogados os processos sociais normatizadores que criam classificações, gerando a ilusão de que existem sujeitos estáveis, identidades naturais e comportamentos regulares (Seidman, citado em Miskolci, 2009).

A teoria *queer* desafia a sociologia a não estudar mais aqueles que rompem as normas, nem os processos sociais que os criaram como desviantes. Ao invés disso, insiste em focar os processos normatizadores marcados pela produção simultânea do hegemônico e do subalterno. Tais estudos se preocupam em criticar os processos normatizadores. Portanto, os estudos *queer*, segundo Pelúcio (2009), procuram desvelar mecanismos de naturalização e essencialização dos termos e relações por eles significados.

A *patologização* de determinadas identidades autoriza e confere poder, àqueles que são considerados normais, para realizar com as próprias mãos a "assepsia" que deixará a sociedade livre da "contaminação". As normas de gênero só conferem inteligibilidade, ou seja, existência e direito à vida àqueles que estão alocados em "gêneros apropriados" aos seus respectivos "corpos sexuados". Além disso, elas possibilitam a emergência de conflitos identitários com essas mesmas normas. Portanto, o saber médico, um dos "fabricantes" das normas de gênero, não descreve a natureza e sim a produz. Conforme já vimos, nenhuma formação de saber que estrutura determinado conceito é neutro (Bento, 2008).

No caso da travesti idosa, podemos perceber que tanto a noção de velhice como a noção de gênero encontradas no corpo e/ou na mente é consequência das normas padronizadas de velhice e/ou gênero, e não causa delas. O conjunto desses atos forma aquilo a que chamamos de velhice e/ou gênero. O que os especialistas do corpo tentam encontrar como "velhice" e/ou "gênero" é, antes de tudo, a competência esperada da *performance* de "velhice" e/ou "gênero" daquele que está sendo analisado e julgado. Dessa forma, os conceitos de gênero e velhice são instituídos no tempo e no espaço por meio de regulamentos sociais que os definem como tais.

Como não há nenhum gênero e velhice "originais", "naturais", "essenciais", "universais", "imutáveis", "fixos", "neutros" e "verdadeiros", a noção de cópia de gênero e/ou velhice perde o sentido. Nesse caso, não há como copiar aquilo que não se concretizou. Todas as variações da velhice e/ou gênero são válidas. Elas só se concretizam enquanto *performatividades*. Para serem reconhecidas e legitimadas, necessitam da aceitação social.

Os seres humanos só se tornam viáveis através de categorias socialmente reconhecidas. Portanto, segundo tal matriz essencializadora, travestis idosas são consideradas abjetas e invisíveis, justamente por não corresponderem a nenhuma categoria considerada viável às normas estipuladas (Miskolci, 2009).

A maior parte das travestis não se iguala às mulheres. Nem desejam isso. Elas sabem que são travestis e constituem seus corpos travestis a partir de seus corpos biológicos masculinos. Travestis em geral transitam constantemente entre aquilo que

foi denominado de características femininas e aquilo que foi denominado de características masculinas (Benedetti, 2005).

A partir de Foucault (1993), em se levando em conta a perspectiva de poder, a ideia de normalidade não é imposta. Seu poder se estabelece por intermédio da sedução do indivíduo, prometendo-lhe aceitação, saúde, felicidade, longevidade e beleza. Tais promessas aprisionam pessoas em um dispositivo de eterno exame e correção. A diferença que existe entre as expectativas idealizadas de corpo e a realidade possível de ser atingida gera frustração. Os ideais são aperfeiçoados e sofisticados para que sejam cada vez mais inatingíveis. Dessa forma, a pessoa continuará consumindo na tentativa de atingir as metas impostas.

Com efeito, as travestis expressam alto nível de preocupação com a estética do seu corpo, com o seu visual, inclusive com muitas vivendo da prostituição. Portanto, a aparência se torna requisito de grande importância para elas. Uma pergunta coloca-se aqui: - Como será que lidam quando o corpo começa a sofrer as ações do tempo?

A sociedade atual se caracteriza pela volatilidade, competitividade, individualidade, rapidez, instabilidade e por ser facilmente modulável e ajustável aos sistemas de poder que a controlam. Existe preconceito contra aqueles que não são moldáveis, rápidos e flexíveis (Foucault, 2008b). O idoso geralmente costuma sofrer o estigma daquele que é caracterizado por ser lento, rígido, sistemático, metódico, dependente e inflexível. O corpo idealizado e produzido por tal sociedade é o corpo sarado, magro, "bonito", independente, sempre jovem e "saudável".

A vigilância é colocada justamente sobre aqueles que atrapalham o fluxo considerado importante para o funcionamento da ordem social estabelecida pela sociedade (Mansano, 2007). A travesti idosa, por exemplo, é acusada de colocar em risco o fluxo considerado correto. Por isso são visadas, vigiadas, detectadas, classificadas, excluídas e submetidas a tratamento para correção.

Cabe ressaltar, no entanto, a diferença que fazem as travestis mais velhas por desempenharem um importante papel perante seu grupo. Orgulham-se de serem "mães" ou "madrinhas" das mais novas. Sua tarefa é a de iniciar, proteger e ensinar as mais novas a viverem como travestis. Dentre as funções que uma travesti mais velha (como se fosse mãe) desempenha em relação à mais nova (como se fosse filha), destacam-se

as de ensinar técnicas corporais e potencializar atributos físicos. Ou seja, ela ensina a travesti mais jovem a tomar hormônios, sugere-lhe quais partes do corpo devem ser "bombadas", inclusive prescrevendo a quantidade de silicone a ser ali aplicada.

A "mãe" indica a qual "bombadeira" sua "filha" deve ir. Muitas "bombadeiras" são tidas também como mães, pois "fazem um corpo", orientando quais os cuidados com ele, dominando técnicas que as colocam em posição de prestígio entre as travestis. Além disso, algumas das travestis mais velhas ocupam o lugar de cafetinas, organizando a ramificada rede de prostituição entre aquelas que se prostituem.

As travestis que conseguem juntar algum dinheiro ao longo da vida acabam comprando imóveis e alugam quartos para as mais jovens. Outras ainda atuam como agiotas em relação àquelas que pretendem se prostituir na Europa. Algumas travestis que estão no exterior prestam esse tipo de serviço, auxiliando as mais novas na chegada e estada. Elas tanto cuidam das novas, como as exploram e maltratam. Conforme dito, muitas travestis, devido ao preconceito, acabam criando uma rede comercial entre elas. "Fabricar" um corpo, para muitas "mães", é também "fabricar" uma pessoa. Isso implica, pois, entre outras coisas, na transmissão de valores próprios da *travestilidade* (Pelúcio, 2009).

Várias razões podem levar uma pessoa a se transformar naquilo que chamamos de travesti. Segundo Kulick (2008), a vida de uma travesti está ancorada no desejo. Seus corpos são fabricados em função desse desejo. O desejo não é sempre sexual. Graças à transformação de seus corpos, muitas conseguem meios de sobrevivência e de reconhecimento, além de afeto, carinho, dinheiro, valorização, bens materiais, ascensão social, resgate dos laços afetivos com a família, amizades, prestígio, *status* etc. (Kulick, 2008; Pelúcio, 2009).

No que se refere ao processo de envelhecimento e à velhice, cabe aqui ressaltar que, no capitalismo, a fase da aposentadoria e o encerramento da produção no mercado de trabalho foram associados à velhice. Os corpos idosos já não produziam tanto quanto em relação a sua juventude. Como continuavam a viver, precisavam ser aposentados, até que a morte chegasse. O velho passou a não ser visto, nem como produtor, nem como reprodutor, mas, sim, como um parasita inútil e decadente (Mascaro, 1997).

O que vem sendo valorizado na atualidade é a juventude, esta simbolizando beleza, atratividade, força, adaptabilidade, criatividade, produtividade, consumo, esperteza, agilidade, versatilidade e rapidez. A velhice, ao contrário, é vista como uma ameaça a tais atributos admirados e valorizados, sendo, via de regra, culturalmente associada com morte iminente e decadência física.

Nas últimas décadas, contudo, a velhice vem adquirindo importância, devido não só ao aumento do número de idosos no mundo, mas pelas várias e diferentes organizações sociais e políticas com as quais os idosos vêm se envolvendo. Muitos dessa faixa etária também estão sendo normatizados através do consumo e de padrões de comportamento.

Os modelos de velhice valorizados são representados por idosos que enfrentam desafios, fazem projetos para o futuro, mantêm uma agenda completa de atividades, mostram-se criativos, joviais e relutam em se aposentar. Parece que o modelo tradicional de velhice que pressupunha o idoso em casa, aposentado, doente, decadente, isolado e aguardando a morte chegar, está rapidamente mudando (Almeida, 2005).

De maneira geral, em nossa sociedade, os idosos passaram a se comportar como jovens para serem aceitos. As experiências de vida dos mais velhos deixam, assim, de serem valorizadas, com ninguém mais "podendo" envelhecer. As transformações fisiológicas inerentes ao corpo humano por causa da ação do tempo passaram a ser disfarçadas pelas indústrias da moda, cosméticos e todos os demais ramos da saúde.

Uma parte da velhice está sendo reinventada ao ser capturada pelas novas exigências comerciais da sociedade atual. Um novo mercado de consumo foi sendo criado, prometendo a eterna juventude, por intermédio de um novo vestuário, formas de lazer, estilos de viver, relação com o corpo, família e amigos. O modelo clássico de velhice sendo gradativamente substituído por outro.

Essa "nova" velhice passa a ser relacionada a termos como "terceira idade", "melhor idade" ou "maior idade": novas categorias construídas socialmente, que incluem novos consumidores que não desejam se perceber como idosos padrões. Esses novos conceitos sobre o envelhecimento sugerem que esta é uma fase da vida que reflete a continuidade de um processo e não a etapa final.

Enquanto a velhice clássica causava prejuízos às biopolíticas, a "terceira idade", por sua vez, gera-lhes lucro, ao pregar o envelhecimento saudável, produtivo, desejável, consumista e aceitável. Assim como crianças, jovens e adultos, os idosos se tornaram objeto de poder e de produção de saber, o que acaba por controlá-los ao ditar como eles "devem" viver sua velhice (Debert, 2004; Mercadante, 1997; Tótora, 2006).

O modelo de velho, durante muito tempo, foi construído a partir do oposto ao modelo de jovem. Entretanto, muitos idosos não se reconhecem nesse modelo, pois o envelhecimento é processo singular. Negar o modelo estabelecido para que todos envelheçam da mesma forma faz inaugurar outras formas de produzir a velhice (Mercadante, 1997).

Travestis, entretanto, já são consideradas diferentes em qualquer faixa etária da vida. Atravessam a vida como pessoas singulares que envelhecem singularmente, mesmo em relação às outras travestis. Idosos não travestis são aceitos conforme disfarçarem melhor as marcas da velhice. A travesti idosa, porém, mesmo que disfarce as marcas da velhice, não será aceita, pois ainda será travesti.

Em relação às travestis idosas, Siqueira (2004) em sua dissertação de mestrado pioneira sobre o tema, levantou dentre suas entrevistadas que, apesar de estarem vivendo uma fase mais tranquila e com melhor qualidade de vida na velhice, salientam que não foi fácil chegar à idade a que chegaram. A pesquisadora entrevistou cinco travestis entre 59 e 79 anos de idade, moradoras da cidade do Rio de Janeiro. Elas relatam que envelhecer com dignidade como travesti não é para qualquer uma. Chegar à velhice como travesti ainda representa uma posição de *status* perante o grupo.

O estudo também ressalta que elas se sentem satisfeitas por às vezes serem confundidas com senhoras. Talvez isso ocorra, por não serem mais vistas como pessoas ambíguas e abjetas. Não basta, porém, serem confundidas com senhoras. O importante para essas entrevistadas é constatar que, por terem vivido da prostituição, atualmente são senhoras bem sucedidas que escaparam da contaminação do HIV, da compulsão pelo uso de drogas, dos contextos violentos e do preconceito. Dizem que transitam por todos os meios sociais e são respeitadas no local onde residem.

Ressaltam que cada uma envelhece de uma forma e que é difícil generalizar o envelhecimento mesmo entre elas. Costumam se engajar em militância política e auxílio em relação aos problemas do grupo pelo fato de se considerarem pioneiras e experientes.

Além disso, reforçam que cada uma delas traçou seu caminho de forma única, com o objetivo de conquistar algum espaço, à custa de muita luta. Ainda contam que servem de espelho e exemplo para as mais novas, às quais estimulam para que se engajem na militância e desenvolvam senso de cidadania e autocuidado.

Por outro lado, acabam reduzindo seu circulo de amizades, selecionando melhor os contatos estabelecidos. Ainda frisam que, apesar da idade, ainda são procuradas sexualmente e desejadas. Recomendam, finalmente, ser importante que as mais novas se preparem para a velhice, pois este período é muito difícil no Brasil, em especial para os de baixa renda e particularmente às travestis.

Abordagem metodológica

Para a investigação proposta, a opção metodológica recaiu sobre a abordagem de caráter qualitativo, por esta opção guardar estreita relação, pelo que entendemos, com o objetivo de identificar as representações de envelhecimento e de velhice dos sujeitos da investigação, i.é, levantar a percepção a respeito do processo de envelhecimento das próprias entrevistadas.

Por intermédio do contato com uma Organização Não Governamental (ONG) que ampara o segmento dito LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros), foram contatadas e entrevistadas três travestis, sendo duas com mais de sessenta anos e uma com mais de quarenta. Essa última foi escolhida devido a sua importância como militante política, ocupando, por ocasião da entrevista, a posição de presidente da Articulação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil.

De qualquer forma, cabe lembrar, desde logo, que a velhice (apreendida pelas marcas físicas do corpo) no contexto travesti, chega mais cedo. Especialmente para

aquelas que acabam se prostituindo como forma de ganhar o próprio sustento (Siqueira, 2004).

Para a coleta de dados, foram utilizadas entrevistas abertas com foco nas histórias de vida de cada entrevistada. Acredita-se que, conhecendo suas trajetórias de vida, é possível levantar quais são as estratégias de sobrevivência adotadas.

Segundo Duarte e Barros (2005), tal método envolve o uso e a coleta de narrativas e documentos da história da vida. O foco são as experiências vividas. Por meio da história de vida, pode-se captar o que acontece na intersecção do individual com o social, assim como permite que elementos do presente fundem-se a evocações passadas.

O método não se pauta por roteiros pré-fixados e rígidos. A coleta deve fluir de acordo com a situação da "conversa a dois" (Haguette, 1987). No entanto, alguns pontos foram propostos ao longo das entrevistas: assim, foi solicitado que as entrevistadas discorressem sobre a infância, adolescência, idade adulta e momento atual; sua experiência de travesti; seu envelhecimento e velhice; suas perspectivas futuras.

As entrevistas trabalham com memória e, portanto, com seletividade, o que faz com que o entrevistado possa aprofundar determinados assuntos e afastar outros da discussão.

O que interessa quando trabalhamos com história de vida é a narrativa da vida de cada um, da maneira como cada sujeito a reconstrói (Bosi, 1994; Minayo, 2010).

O diálogo que se dá entre os dois sujeitos na entrevista cria possibilidades interpretativas em níveis diferentes que incluem tanto a perspectiva do pesquisador, como a do pesquisado.

Portanto, quando o pesquisador efetua a análise da entrevista, irá interpretar a interpretação que o próprio entrevistado atribui a si mesmo (Mercadante, 1997).

Dados coletados

Os dizeres da primeira entrevistada, de início, já destacam o grande impacto que acomete a vida das travestis que envelhecem sustentando-se da prostituição: com a chegada da velhice, os atributos físicos não se permitem manter em primeiro plano, deixando, pois, de ser considerados belos.

A seguir, ela destaca a posição das travestis mais velhas diante das demais mais novas, a quem devem servir de espelhos e modelos. É imprescindível que estas últimas conheçam a trajetória das mais velhas e as reconheçam em seu papel; dessa forma, as mais novas podem se dar conta de que, se gozam de alguma liberdade e certo espaço na atualidade, isto se dá graças às mais velhas que "abriram" o caminho à custa de muitas lutas.

Revela ainda que travesti mais velha geralmente tende a se ocultar. A velhice não é valorizada, inclusive entre as travestis. É como se a travesti perdesse sua função ao envelhecer. Então, acaba desaparecendo de vista. Há relatos de algumas que envelhecem e voltam a se vestir como homens. Passam por uma espécie de "*des-transformação*". Outras acabam assumindo tarefas diversas, como as de: costureiras, domésticas, cozinheiras, cabeleireiras, maquiadoras, *bombadeiras*, cafetinas, locatárias, agenciadoras, artistas etc.

Recomenda que é importante que as travestis se reúnam em ONGs para se fortalecerem. Acredita que seja fundamental que as travestis mais novas contribuam com a previdência social para que possam ter uma renda na velhice. Recomenda ainda que elas também precisam voltar a estudar, pois dessa forma aumentarão suas chances de conseguir outros trabalhos que as amparem na velhice. Diz que se houvessem políticas públicas que reconhecessem as travestis desde a mais tenra idade até a velhice, algumas não precisariam se ocultar quando envelhecessem. Como militante política que é, a entrevistada, enfim, ressalta que ainda há muito a ser feito pelas travestis que, se conseguem envelhecer, mais desamparadas, física e socialmente, estão que quaisquer outros velhos.

A velhice associada à decadência física e à ausência de papéis sociais — justamente o modelo vigente na sociedade ocidental desde a segunda metade do século

XIX, conforme o atestam estudiosos em que é exemplar, nesse sentido, Debert (citado em Siqueira, 2004). A travesti que se prostitui, sob essa perspectiva, passa a ser vista, por conseguinte, como velha assim que seu corpo deixe de ser atraente a seu olhar e ao olhar do outro, mostrando-se fisicamente decadente. O que acontece muito cedo no caso da travesti, conforme a primeira entrevistada, isso já por volta dos quarenta anos de idade.

A segunda entrevistada nesta pesquisa destaca que, atualmente, as oportunidades que se configuram nos grandes centros urbanos (cursos profissionalizantes, por exemplo) são ainda propostas frágeis e desinteressantes para as gerações atuais de travestis. Alega que o dinheiro que elas ganham com a prostituição é consideravelmente maior do que com outra atividade que possam desempenhar.

Acredita esta entrevistada que a vida não passou inutilmente por ela, pois se diz criadora de conceitos que nunca envelhecem e que expressam seu estilo de vida. Conta que as travestis mais novas, diante dela, percebem que não é nenhum terror envelhecer como travesti, se souberem como fazê-lo.

Considera que é importante ter tido berço, uma boa educação familiar e contato com pessoas cultas. A partir daí, pôde construir sua vida, criando um estilo próprio e exemplar para as gerações mais jovens. Declara que é preferível ser considerada elegante nas próprias atitudes do que elegante apenas pela beleza física; que não adianta ser linda aos vinte anos de idade se nada se tem de construtivo a dizer.

Não se considera ela uma sexagenária. Diz que cada um de nós tem a tendência de ver a velhice nos outros. São os outros que envelhecem, pois afinal, ela relata que executa atividades que pessoas de sua idade não mais executam. Revela que é procurada sexualmente até hoje e outras de sua idade não são procuradas para o sexo da mesma forma que ela o é. Percebe-se como alguém que desperta interesse, pois as pessoas gostam de conversar com ela e estar a seu lado. Diz que com a idade, passou a se conhecer melhor, principalmente em relação a seu corpo. Sabe escolher melhor quando está em uma relação sexual, por exemplo. Com o passar do tempo foi adquirindo maior qualidade na vida sexual, bem como em outros aspectos da vida.

Considera que a velhice é caracterizada pelo encontro com os seus “apanhados” (experiências) ao longo da vida. A meta é reunir todos esses “apanhados” e fazer um buquê de flores gloriosas. Para isso, é preciso ter sensibilidade para perceber as flores que são colhidas durante o percurso. Para ela, continuar aprendendo evita que se envelheça. O aprendizado é um antídoto contra o envelhecimento. Declara que quando aprendemos não envelhecemos.

Reforça ainda que o conceito de envelhecimento fica muito restrito na aparência física das pessoas. Afirma que o fato de ser interessante não permite que as pessoas vejam as rugas que lhes aparecem no rosto. As pessoas não querem, de fato, que o envelhecimento apareça naquele que é considerado interessante. A partir desses atributos, ela descreve a pessoa jovem como uma árvore com seiva brilhante, folhas, flores, frutos e sombra, em redor da qual todos desejam estar. Contrariamente, para ela, a pessoa velha é como uma árvore seca, sem folhas, estéril, sem flores, frutos, seiva e brilho, sendo, portanto, vazia e solitária.

Já a terceira entrevistada fala de sua experiência de artista. Conta sua trajetória desde Cuba, onde nasceu em 1938 até chegar ao Brasil em 1958. Sofria homofobia na família, principalmente por sua mãe. Fala de sua transformação, da carreira artística como transexual e do envolvimento com pessoas influentes que puderam defendê-la. Relata que nunca quis ser um ícone ou modelo para ninguém. Disse que acabou defendendo a si mesma; consequentemente, abrindo caminho para as gerações mais novas. Reconhece que acabou servindo de modelo para outras travestis, embora não o desejasse. Associa velhice com morte. Diz que não quer sofrer para partir, porém considera-se tranquila em relação à própria morte, pois recebe amparo da religião em que acredita: o candomblé.

É de se destacar que, assim como a terceira entrevistada, muitas travestis que viveram no mundo artístico acabam envelhecendo como artistas. Assim, se intitulam, não se reconhecendo, nem na categoria de travestis, nem na de prostitutas.

Análise dos dados coletados

Um dado comum que apareceu nas falas das entrevistadas desta pesquisa relaciona-se ao fato de serem percebidas e se perceberem como híbridas desde crianças. Apoiam-se, para explicitar o argumento acima, em uma visão essencialista, quando relatam que se sentiam diferentes, pois possuíam um corpo masculino e uma alma feminina. Portanto, as travestis idosas são consideradas como aberrações mesmo antes do seu processo de transformação em travesti. As que atingem a velhice são verdadeiras sobreviventes. Muitas vezes precisam se prostituir para garantir a sobrevivência, quando mais jovens. Suas vidas são marcadas por marginalidade, perigos, doenças, violência, exclusão, drogas e exposição a diversos tipos de risco de morte. São consideradas invisíveis ao longo de toda sua existência; portanto, desprotegidas. Suas chances de atingir a velhice são ínfimas. Quanto mais o tempo passa para elas, mais invisíveis vão se tornando, devido ao acúmulo de preconceitos que vão se cruzando: ser homossexual, travesti, idosa.

Conhecer suas trajetórias de vida possibilita identificar quais são os pontos mais críticos onde não há qualquer tipo de amparo existencial, social ou político. Elas são grandes improvisadoras de suas vidas, visto que não são reconhecidas pelos padrões de normalidade. Precisam inventar suas vidas de forma singular. Como não "existem" perante à lei, estão sujeitas a todo o tipo de violência e aniquilamento. Quem as defende?

Esta pesquisa detectou que é preciso haver políticas públicas que leve em conta suas especificidades existenciais para que as amparem. Necessitam de políticas de saúde que as auxiliem em seus processos de transformação corporal para que não tenham que se arriscar clandestinamente com silicone industrial e ingestão hormonal desregrada.

Paralelamente, há outro grande desafio que diz respeito à sua profissão e meio de sobrevivência. Ocupações onde não precisem se arriscar. E que se assim for, que sejam por escolha e não por ser a única forma de sustento financeiro.

Por fim, as políticas públicas continuarão amparando suas velhices, pois se adequarão às necessidades específicas de cada travesti que envelhece.

Existir por meio do regime de políticas públicas possibilita a retirada das travestis da situação de marginalidade e de violência. Inclusive as travestis se defendem da acusação de serem elas próprias violentas, alegando que, muitas vezes, o são para se defenderem da violência que sofrem por serem discriminadas. Vê-se, pois, que a questão das políticas públicas voltadas para as travestis é tema muito complexo e que há muito ainda a ser feito.

Considerações finais

A exclusão da travesti já começa na família, justamente por não se adequarem às regras sociais. O próximo desafio é a escola. O nome social que elas desejam usar combinado com a aparência são elementos para que sejam rechaçadas na escola, tanto pelos colegas, como pelos professores e demais funcionários. Muitas relatam que por causa disso, não conseguem terminar os estudos.

Ao mesmo tempo, devido ao intenso preconceito, saem de casa ou são expulsas. Perdem seu lar logo na adolescência. Posteriormente, elas encontram nas travestis mais velhas a referência para construir seu próprio modo de ser. Travestis mais experientes terão um papel importante na vida das mais novas. Ajudarão a construir os novos corpos, estilos de vestir e formas de ser das novas travestis.

Devido à dificuldade de encontrar um emprego, por causa da aparência, aliada à baixa escolaridade, elas acabam se prostituindo para sobreviver. Precisam modelar seus corpos de forma quase que clandestina e arriscada, já que não contam com políticas públicas de saúde que as amparem. Isso exige altos investimentos, pois quanto menos considerado ambíguo e atraente forem os corpos, menos discriminação e maiores os ganhos financeiros.

A condição de seres patológicos em que são colocadas facilita que a sociedade as veja como seres abjetos, acusadas de terem deliberadamente modificado seus corpos a ponto de não se enquadrarem mais às normas de gênero vigentes. Em sua maioria, são

consideradas aberrações, sujeitas a tratamento, punição ou até mesmo extermínio. Todos os aspectos de suas vidas, como moradia, alimentação, saúde, vestuário, relacionamentos e finanças tornam-se frágeis e improvisados.

As que conseguiram driblar os riscos inerentes ao contexto existencial de marginalidade, precisaram adotar estratégias. Para isso, seguiram um estilo próprio de existir. Não há como generalizar sua forma de lidar com as adversidades da vida. Cada uma terá seu jeito próprio. Além de ter sobrevivido, chegar à velhice é também sinônimo de referência, exemplo e alerta para as mais jovens.

Após as revoluções sexuais ocorridas no final do século XX no mundo, os conceitos de família e gênero sofreram profundas transformações. A travesti passou a ter mais espaço. Saiu da clandestinidade e começou a se prostituir nas ruas dos grandes centros urbanos. Como prostitutas, galgaram espaço nos grandes centros até chegarem ao exterior, conseguindo ganhar em curto espaço de tempo, muito dinheiro. Quando não pudessem mais viver do corpo, já seriam consideradas velhas. Para as travestis, o conceito de velhice está vinculado ao trabalho que desempenham como prostitutas. Enquanto trabalham são úteis, produtivas e, portanto, jovens. Se conseguirem juntar um bom capital, poderão viver suas velhices com mais dignidade.

Para o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), é preciso viver e aceitar esta vida na sua totalidade, incluindo a velhice e a morte, com todas as suas alegrias e vicissitudes. O pensador nos adverte que ser digno daquilo que nos acontece é enfrentar a vida sem revoltas, nem negando ou dissimulando as situações (Giles, 1989). Para atender ao mercado, a velhice está se travestindo de juventude e disfarçando a realidade. As biopolíticas não permitem que as pessoas fiquem doentes ou envelheçam mais.

O homem atualmente está em uma situação de passagem incerta. Se há um abismo a ser percorrido, então o homem é a ponte entre as duas margens. Ele é um meio de passagem e não o destino. Atravessar esse abismo envolve risco pessoal e auto-superação. Ao invés de querer entender o significado do mundo, o novo homem consegue impor ao mundo os seus próprios significados e valores morais. Inverte o

modo convencional de pensar. Isso é exatamente o que as travestis idosas têm feito, desde tenra idade (LeFranc, 2005).

Os filósofos franceses Gilles Deleuze (1925-1995) e Michel Foucault (1926-1984), influenciados pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), distinguem os sentidos entre ética e moral. Por ética, são entendidas aquelas regras facultativas que avaliam o que fazemos e dizemos em função do modo de existência que isso implica. Ética sugere o uso da liberdade. A moral é composta por regras coercitivas que julgam as ações com base em valores referenciais, que variam conforme a época e o local em questão.

Os sujeitos se produzem por meio das relações de poder e das formas de saber. O poder é uma relação de forças. Toda a força tem o poder de afetar e de ser afetada. As resistências se dão no âmbito dessa relação. A subjetivação escapa às formas de sujeição ou resistência no interior da relação de poder e acaba constituindo-se em uma relação consigo mesmo, que resulta em formas singulares de existência e subjetivação.

Foucault compreendia estética da existência como um modo artístico de viver que não segue códigos estabelecidos. Na sociedade greco-romana, a produção do sujeito também estava relacionada ao processo de envelhecimento. Era preciso viver para ser velho, pois só então o sujeito se completaria. Atingir a velhice constituía o objetivo da vida. Portanto, não fazia sentido atribuir um modo específico de vida para cada fase. A vida enquanto processo. Logo, ser velho tornava-se um privilégio: o de ter desfrutado uma longa existência. Não havia o que descobrir. Era preciso se tornar, construir-se a cada instante. Ficar com os próprios desejos e não com os desejos dos outros (Deleuze, citado em Tótora, 2006).

Em *Assim falou Zaratustra,* Nietzsche (1999), por meio de seus aforismos filosóficos, fala sobre o percurso de um novo começo para a afirmação da vida. Trata-se das transformações ocorridas pelo espírito do homem que se torna camelo, leão e por fim, criança.

Transformar-se em camelo representa ajoelhar-se para carregar todos os valores morais e a culpa do mundo. É o "dever ser" contido nos valores morais. Em geral somos formados culturalmente para sermos sempre camelos. Tal como o camelo caminha carregado de mantimentos para o deserto, o homem caminha para o seu

próprio deserto carregado de moralidades sociais. O vazio do deserto auxilia no processo de criatividade. Lá ocorre a segunda transformação quando o camelo vira um leão. Tem condições para se tornar o senhor e criador de seus próprios valores. Não será mais servo dos valores alheios. É preciso destruir valores antigos para criar outros. Para isso é necessária muita força, luta e coragem para ir à cata do grande dragão que representa os valores morais vigentes. O "tu deves" do dragão há que ser vencido pelo "eu quero" do leão. É necessária a força do leão rumo à liberdade do inventor. Para criar novos valores o leão sofre outra transformação e se torna a criança, que representa o devir. Essas fases não são cronológicas e, sim experimentáveis a cada instante em que se vive. Elas são parte de um processo contínuo. Liberar-se do peso das imposições morais é o caminho para a produção do sujeito ético em sintonia com a sua existência (Nietzsche, citado em Tótora, 2006).

Usando a metáfora de Nietzsche, travestis idosas aprenderam desde pequenas que os valores morais vigentes não se identificavam bem com os seus. Enfrentaram desde cedo o dragão da moral social na família e escola. Foram camelos que se refugiaram no deserto, transformando-se em leoas que dizem não à heteronormatividade. A partir de então, se transformaram em crianças, pois precisavam inventar seu próprio modo de viver que é baseado no cuidado de si... atravessar a vida como artistas e criadoras de suas próprias vidas. Impuseram ao mundo seu jeito de ser, se fazendo respeitar, à custa de muita luta e esforço.

Portanto, conforme vimos, a existência da travesti é precária desde a adolescência. Elas já são consideradas não humanas e, portanto sem lugar. Muitas saem ou são expulsas de casa, por causa do intenso preconceito. Assim, buscam habitar espaços onde serão aceitas. A maioria encontra na prostituição acolhimento e funcionalidade mínima. Passam a vida em contextos violentos. Habitam o mundo de forma improvisada e frágil, pois são tidas como seres abjetos. Improvisam suas existências em todos os aspectos. As que atingem aquilo que foi denominado de envelhecimento são verdadeiras sobreviventes da exclusão e do aniquilamento.

Referências

Almeida, V.L.V.de. (2005). Velhice e Projeto de vida: possibilidades e desafios. *In*: Côrte, B., Mercadante, E.F. & Arcuri, I.G. (Orgs.). *Velhice, envelhecimento e complex(idade): Psicologia, subjetividade, fenomenologia, desenvolvimento humano*, 93-110. São Paulo: Vetor.

Benedetti, M. (2005). *Toda feita – O corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária.

Bento, B. (2006). *A reinvenção do corpo. Sexualidade e gênero na experiência transexual.* Rio de Janeiro: Garamond Universitária.

Bento, B.(2008). *O que é transexualidade?* São Paulo: Brasiliense.

Berger, T. & Luckmann, P. (2006). *Construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes.

Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade – Lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.

Debert, G.G. (2004). *A reinvenção da velhice*. São Paulo: EDUSP.

Duarte, J. & Barros, A. (2005). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.* São Paulo: Atlas.

Foucault, M. (1993). *História da sexualidade I – a vontade de saber.* São Paulo: Graal.

Foucault, M. (2008a). *Arqueologia do saber*. São Paulo: Forense Universitária.

Foucault, M. (3008b). *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes.

Foucault, M. (2008c). *Segurança, território e população*. São Paulo: Martins.

Giles, T. (1989). *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: EPU.

Haguette, T. (1987). *Metodologias qualitativas em pesquisas sociais*. Petrópolis: Vozes.

Kulick, Don T. (2008). *Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz.

LeFranc, J. (2005). *Compreender Nietzsche*. Petrópolis: Vozes.

Leite Junior, J. (2008). *Nossos corpos também mudam. Sexo, gênero, e a invenção das categorias "travesti" e "transsexual" no discurso científico*. Tese de doutorado em Ciências Sociais, PUC-SP.

Mansano, S.V. (2007). *Sociedade de controle e linhas de subjetivação*. Tese de doutorado em Psicologia Clínica, PUC-SP.

Mascaro, S.de A. (1997). *O que é velhice*. São Paulo: Brasiliense.

Mercadante, E.F. (1997). *A construção da identidade e da subjetividade do idoso*. Tese de doutorado em Ciências Sociais, PUC-SP.

Minayo, M.C. (2010). *O desafio do conhecimento*. São Paulo: HUCITEC.

Miskolci, R. (2005). Vivemos uma crise das identidades de gênero? *In*: *Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambu (MG). CD Encontro Anual da ANPOCS, v. 1.

Miskolci, R. (2009). A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *In*: *Sociologias, 21*. Porto Alegre: PPGS-UFRGS: 150-82. Encontrado em 30 dezembro, 2010, em http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf.

Nietzsche, F. (1999). *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Martin Claret.

Pelúcio, L. (2009). *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS.* São Paulo: Annablume/Fapesp.

Rubin, G. (1999). Thinking sex: notes for a radical theory in the politics of sexuality. *In*: Parker, R. & Aggleton, P. (Orgs.). *Culture Society and sexuality: a reader*. London and New York: Routledge.

Scott, J. (1990, jul.). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *In*: *Educação e Realidade, 16*(2): 5-20. Porto Alegre.

Siqueira, M.S. (2004). *Sou senhora: um estudo antropológico sobre travestis na velhice*. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

Tótora, S. (2006). Ética da vida e o envelhecimento. *In*: Côrte, B. *et al.*, *Envelhecimento e velhice: um guia para a vida*. São Paulo: Vetor.

Recebido em 11/10/2011

Aceito em 30/11/2011

Pedro Paulo Sammarco Antunes - graduado pela Faculdade de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie (2002) e mestre em Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2010). Obteve também os títulos de pós-graduação *lato-sensu* em Sexualidade Humana pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (2007) e em Gestalterapia pelo Instituto Sedes Sapientiae (2004). Tem experiência na área de psicologia clínica com ênfase em sexualidade humana e é colunista da revista G Magazine desde 2008.

E-mail: pedrosammarco@hotmail.com

Elisabeth Frohlich Mercadante - Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (1966), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1969) e doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997). Atualmente é Docente, Pesquisadora e Orientadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia/PUC-SP. Docente também do Curso de Ciências Sociais: Antropologia. Tem experiência na área de Antropologia e Gerontologia. Atuando principalmente nos seguintes temas: velhice, terceira idade, memória coletiva e identidade social.
E-mail: elisabethmercadante@yahoo.com.br